

O IMPACTO DA CENSURA DIGITAL NA DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM SAÚDE NAS REDES SOCIAIS

Melissa Sousa Galvão

Profa. Dra. Maria Cristiane Barbosa Galvão

Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP-USP)

mels2galvao@usp.br

Introdução

A disseminação de informações sobre saúde baseadas em evidência nas redes sociais tem se tornado essencial, tendo em vista o aumento do consumo de notícias na *Web*. No entanto, a divulgação tem se tornado difícil, pois o algoritmo das mídias sociais produz um tipo de censura que, ao usar certos tipos de palavras, barram o conteúdo.

Objetivo

Este estudo teve como objetivo apresentar situações e conteúdos em que a censura digital pode impedir a disseminação da informação em saúde nas redes sociais.

Materials and Methods

Neste estudo de caráter qualitativo-exploratório, foi considerada a experiência de produção de 214 artes desenvolvidas para o projeto Dr. Risadinha, projeto de disseminação de informações em saúde em redes sociais. Foram considerados como risco de censura aquelas informações que apresentassem no título palavras como “morte”, “violência” e “sexo”.

Resultados

Das 214 artes produzidas nos últimos 12 meses (2022-2023), 8 artes apresentaram no título palavras que ferem os direitos da comunidade de acordo com as redes sociais e que poderiam levar o perfil do projeto de

disseminação de informação em saúde para a zona de perda das visualizações. Tais artes trataram dos seguintes conteúdos: “O que é herpes genital?”; “Como prevenir a transmissão da herpes genital?”; “É possível adquirir sífilis por meio de sexo oral?”; “Como perceber situações de violência contra crianças e adolescentes?”; “Como agir diante de um caso de violência doméstica?”; “Como a exposição à violência doméstica pode afetar as crianças?”; “Crianças podem morrer por causa da COVID-19?”; “Picada de lacraia pode matar uma criança?”.

Gongane et al. (2017), analisam em seu estudo de forma bastante completa a situação atual do que é considerado “conteúdo prejudicial” e como deve ser realizada a detecção e moderação destes conteúdos. No seu estudo, é considerado fortemente a questão das “*fake News*”, que foram muito vistas no período da pandemia da COVID-19 e onde as redes sociais tiveram que investir num sistema de controle dessas informações. No presente estudo, palavras relacionadas ao coronavírus não foram incluídas como palavras de risco para o perfil pois não é claro se o uso delas é reconhecido automaticamente pelo algoritmo como nociva ou revisadas por um moderador humano, ainda que perfis grandes de notícia e informação de saúde modifiquem palavras relacionadas ao assunto com o uso de dígitos, assim como as palavras citadas anteriormente. O perfil do *Instagram* do Dr. Risadinha que possui atualmente 221 seguidores, no entanto, as publicações alcançam uma média de 20 a

25 pessoas por publicação, o que significa que a rede social, possivelmente, não está entregando os *posts* do projeto para o público e que a conta pode estar em “Shadowban” pelo uso de certas palavras. Por outro lado, observa-se que na plataforma *Blogger*, o conteúdo “O que é herpes genital?” teve 608 acessos; “Como prevenir a transmissão da herpes genital?” teve 347 acessos; “É possível adquirir sífilis por meio de sexo oral?” teve 440 acessos; “Como perceber situações de violência contra crianças e adolescentes?” teve 133 acessos; “Como agir diante de um caso de violência doméstica?” teve 95 acessos; “Como a exposição à violência doméstica pode afetar as crianças?” teve 90 acessos; “Crianças podem morrer por causa da COVID-19?” teve 62 acesso; “Picada de lacraia pode matar uma criança?” teve 4.623 acessos. E, no geral, o projeto alcançou via Plataforma Blogger 280 mil acessos no último ano, o que demonstra que os assuntos são de interesse da população.

Conclusões

Em que pese as limitações do presente estudo exploratório, fica clara a necessidade de perfis em redes sociais que tenham por objetivo disseminar informações em saúde com fontes confiáveis considerarem a possibilidade de censura por meio de algoritmos. O uso de dígitos para modificar palavras e evitar a censura automática (por exemplo, substituindo letras por número: “s3xual”, “m0rte”, “g3nit4l”) pode ser uma alternativa para aumentar o alcance das informações em saúde nas redes sociais. Entretanto, essa opção pode trazer dificuldade para certas populações, como a população disléxica ou aquelas com deficiências visuais. Pensando primordialmente em alcançar a população, o projeto desenvolveu artes utilizando desse método, conforme apresentado na figura 1.

Entendendo a necessidade da existência do sistema de moderação, a melhor alternativa seria a possibilidade de solicitar uma conferência de conteúdo ou de perfil por um moderador humano, pois, dessa forma, o perfil que tenha o intuito de informar a população sobre saúde baseada em evidências, poderia

continuar e expandir seu trabalho sem ser prejudicado por algoritmos de censura, alcançando uma maior parcela da população.

Figura 1 Adaptação da linguagem para evitar a censura: sexo oral



Fonte: Dados do projeto

Referências

ARE, C. The shadowban cycle: an autoethnography of pole dancing, nudity and censorship on Instagram. *Feminist Media Studies*, v.22, n.(8), p.2002–2019, 2022, Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14680777.2021.1928259>. Acesso em: 12 ago. 2023

GONGANE, V.U., MUNOT, M.V., ANUSE, A.D. Detection and moderation of detrimental content on social media platforms: current status and future directions. *Soc Netw Anal Minv.12*, n.1: p.129, 2022 Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s13278-022-00951-3>. Acesso em: 12 ago. 2023.

STEWART, E. Detecting fake news: two problems for content moderation. *Philos Technol.* 2021;34(4):923-940, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s13347-021-00442-x>. Acesso em: 12 ago. 2022.